

EXCLUSIVO MÚSICA

Iúri Oliveira estreia *Manifesto* em LP e ao vivo: “Também tenho algo a dizer a solo”

Percussionista que já tocou com inúmeros músicos, da Ana Moura a Madonna, estreia-se a solo com o LP *Manifesto*, que apresenta esta sexta-feira ao vivo na SMUP, na Parede, às 21h.

Nuno Pacheco

10 de Janeiro de 2025, 7:30



Iúri Oliveira em palco JOÃO CATARINO

Entre palcos e discos, já o vimos e ouvimos a acompanhar inúmeros músicos, da Ana Moura a Madonna, passando por Sara Tavares, Lura, Django Bates, Julian Arguelles, Angélique Kidjo, Aline Frazão, Selma Uamusse, Firmino Pascoal, Dino D’Santiago, Ana Laíns, Branko, João Barradas, Eu.Clides, Cuca Roseta, Rita Vian, Nancy Vieira, Criatura, Paulo de Carvalho, Pongo, entre muitos outros. Mas só agora, dez anos após o seu

primeiro trabalho profissional na música, é que Iúri Oliveira lançou um primeiro álbum, gravado em solo absoluto e resultante de uma residência artística na Musibéria, em Serpa. O disco, intitulado *Manifesto*, é lançado esta sexta-feira em vinil e digital, com a chancela da editora Respirar de Ouvido (da Musibéria), e é apresentado ao vivo neste mesmo dia, com um concerto na SMUP (<https://www.seetickets.com/event/iuri-oliveira-manifesto-/s-m-u-p-sociedade-musical-uniao-paredense/3259798>), na Parede, às 21h.

Nascido nas Caldas da Rainha, no dia 10 de Janeiro de 1989, filho de pai angolano e de mãe portuguesa, desenvolveu desde cedo um gosto pela música e em particular pelas percussões. E isso levou-o a Inglaterra e aos Países Baixos, onde, trabalhando noutras áreas para sobreviver (como limpeza de escritórios ou condução de táxis), estudou percussões latinas e percussões com adaptação ao jazz e à world music. Mas foi no seu regresso a Portugal que o mundo da música lhe abriu em definitivo as portas, ao receber um convite para tocar no dia 24 de Abril de 2015 nas comemorações oficiais dos 40 anos do 25 de Abril. “Eu já tocava, mas tinha outras profissões. Foi o meu primeiro concerto, com a Sara Tavares, a Lura, a Selma Uamusse, o Tonecas Prazeres, a Karyna Gomes e o Projecto Kaya, na Assembleia da República.”

Para Iúri, foi esse o seu primeiro grande passo. Passados quase dez anos, vai estrear ao vivo no preciso dia do seu aniversário, 10 de Janeiro, o seu primeiro disco a solo, que não nasceu de um repente, porque já vinha a compor há tempos, mas acabou por resultar de um desafio que aceitou de bom grado. “Eu já tinha ideias nesse sentido, mas sempre me coloquei no lugar de *sideman*, um lugar de conforto, porque gosto de ser *sideman* dos artistas, gosto que as bandas e os projectos me chamem. Algumas das minhas ideias, em termos de composição ou gravação, por vezes são aceites, outras vezes ficam no meu ‘livrinho dos segredos’, como costume dizer.”

"Disruption" - Iúri Oliveira



A coincidência do disco com os 10 anos de trabalho profissional na música foi casual, diz Iúri. “Quem me atirou ‘aos lobos’ foi o César Silveira, da Musibéria. Fui ver um concerto, desafiou-me a fazer um disco a solo e reservou-me quinze dias para poder trabalhar lá.” Foi o primeiro grande passo. Mas muito do que o disco agora nos mostra já Iúri o tinha na cabeça: “Quando ele me abriu a porta para eu criar o disco, supostamente iria haver uma fase de criação e uma fase de gravação. Mas eu, não sei se por causa do meu signo (Capricórnio) ou se por disciplina e organização, já tinha nos meus livrinhos o disco feito. Só precisava de um momento. O primeiro dia, quando cheguei lá, foi para descarregar. E no segundo já estava a gravar.” Ou seja: este álbum, como ele agora diz, “já o tinha escrito na cabeça, do princípio ao fim.”

O título, *Manifesto*, também já lhe era familiar: “Era uma palavra que andava a ressoar na minha cabeça há muito tempo. No sentido de que também tenho algo a dizer a solo; dizer às pessoas qual a minha predisposição na vida, na música, o que me faz criar, as inspirações.” Com um total de seis faixas, com durações entre quatro e doze minutos e todas elas intituladas *Manifesto* (acrescidas do respectivo número, de 1 a 6), o disco foi pensado para ouvir sem interrupções, ou seja sem silêncios entre cada faixa. “Têm todas uma continuidade”, explica Iúri. “Sempre foi um sonho, um objectivo meu, trabalhar um dia com uma banda ou com um projecto em que pudesse tocar sem pausas e o primeiro momento em que tivesse de falar fosse quase só para agradecimentos e depois para acabar. Em modo maratona, como num filme.”

A última faixa do disco, *Manifesto 6*, é aquela onde se justifica por palavras aquilo que já se disse por sons. E nela ouvimos Iúri Oliveira dizer: “Tudo o que toco são cores”, “toco o que sinto e o que sinto é diferente todos os dias”, “é uma bênção estar aqui - estar agora”, “se eu partir depois disto, fica este manifesto” e ouvimo-lo também transformar em ferramentas de percussão, pela divisão silábica, as palavras “erro” e “tentativa”.

A referência às cores, diz Iúri, está relacionada com o fenómeno da sinestesia: “Sofro bastante disso. E remeto a descoberta para aquele concerto de 24 de Abril de 2015. O repertório era enorme e havia música em que eu não sabia o que havia de fazer, ainda que tenha ensaiado. Tinha tudo escrito, mas precisava de ter uma ligação com cada música. Então o que fiz? Pinte à frente de cada tema, com lápis de cor, as cores que eu via naqueles temas, só para me guiar. Foi a minha cábula. Só depois é que percebi que essa minha visão, que usava de forma natural, vinha da sinestesia. É uma coisa poética e divirto-me com esta coisa das timbragens, das cores, das sensações que me dão.”

O disco é também o assentar de ideias na afirmação de uma identidade. “Costumo dizer que estou agora a começar”, nota Iúri. “Dez anos depois, encontrei aqui uma voz que assumo.” Em palco, este trabalho é apresentado com o músico ao centro, rodeado de uma vasta panóplia de percussões, e os espectadores em volta, com as cadeiras em círculo. “Gostava que as pessoas estivessem a ouvir como eu próprio ouço. Por isso tem de ser um espectáculo imersivo. As pessoas estão à minha volta, em 360º, super próximas de mim e há um sistema de som em quadrifonia. Eu não uso qualquer tipo de electrónica, só ‘disparo’ os interlúdios que existem entre cada tema para eu poder movimentar-me e para manter o concerto sempre ligado.”



Abrir portas onde se erguem muros

Siga-nos

- ✉ Newsletters
- 🔔 Alertas
- f Facebook
- ✕ X
- 📷 Instagram
- in LinkedIn
- 📺 Youtube
- 📡 RSS

Sobre

- Provedor do Leitor
- Ficha técnica
- Autores
- Contactos
- Estatuto editorial
- Livro de estilo
- Publicidade
- Ajuda

Serviços

- Aplicações
- Loja
- Meteorologia
- Imobiliário

Assinaturas

- Edição impressa
- Jogos
- Newsletters exclusivas
- Estante P
- Opinião
- Assinar

Informação legal

- Principais fluxos financeiros
- Estrutura accionista
- Regulamento de Comunicação de Infracções
- Política para a prevenção da corrupção e infracções conexas
- Plano de Prevenção de Riscos de Corrupção

Gerir cookies

Ajuda

Termos e condições

Política de privacidade

EMAIL MARKETING POR



